

NÚMERO E A DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO EM KARITIANA

Ana MÜLLER*
Universidade de São Paulo
Luciana STORTO**
Universidade de São Paulo
Thiago COUTINHO-SILVA***
Universidade de São Paulo

RESUMO

Este artigo investiga a semântica do sintagma nominal na língua Karitiana e avalia suas implicações para uma teoria semântica sobre a expressão do número e da distinção massivo/contável nas línguas naturais. O artigo também investiga a possibilidade de ocorrência de argumentos sem a presença de material funcional. Defendemos a tese de que os nominais nus na língua Karitiana possuem denotações cumulativas. No entanto, defendemos também que esta língua faz uma distinção lexical entre nomes massivos e contáveis. Finalmente, o artigo argumenta que os argumentos nominais em Karitiana não possuem constituintes funcionais.

ABSTRACT

This paper investigates the semantics of the Noun Phrase in Karitiana, and assesses its implications for a semantic theory concerning the expression of number and of the mass/count distinction in natural languages. The paper also aims to assess the possibility of occurrence of arguments without the presence of functional material. We argue that bare nominals in Karitiana have denotations of a cumulative nature. However, we also affirm that Karitiana makes a lexical distinction between mass and count nouns. In addition, we maintain that nominal arguments in Karitiana do not have functional constituents.

PALAVRAS-CHAVE

Karitiana, número, nomes massivos, contabilidade, nomes nus.

KEYWORDS

Karitiana, number, mass nouns, countability, bare nouns.

1. Introdução

O Karitiana é a única língua sobrevivente da família Arikém (Tronco Tupi), falada atualmente por aproximadamente 330 pessoas, que vivem numa reserva indígena demarcada, localizada a 95 km ao sul de Porto Velho, no estado de Rondônia, Brasil.

O Karitiana é uma língua de verbo-final, que apresenta movimento obrigatório do verbo principal para a segunda posição da sentença matriz. Existe uma distribuição complementar entre as sentenças matriz e sentenças encaixadas com respeito à posição do verbo. As sentenças matriz são verbo-inicial (VOS, VSO) ou têm o verbo na segunda posição (SVO, OVS), porém, as sentenças subordinadas são invariavelmente verbo-final (OSV, SOV). O movimento do verbo na sentença raiz está associado à presença de concordância e tempo, que nunca estão presentes em sentenças dependentes (Storto, 1999, 2003). A ordem de constituintes nos sintagmas vai ao encontro da análise do Karitiana como uma língua verbo-final: o complemento precede a posposição no Sintagma Posposicional, o possuidor precede o possuído no SN e a oração subordinada precede a principal (Storto, 1999). Apesar de os sintagmas nominais não serem marcados para Caso em Karitiana, o padrão de Caso da língua é ergativo-absolutivo, o que se espelha na concordância verbal: verbos intransitivos concordam com seu sujeito, ao passo que verbos transitivos concordam com seu objeto direto (ou seja, os argumentos absolutivos). O padrão ergativo-absolutivo de morfologia de pessoa no verbo, a ausência de tempo nas sentenças subordinadas e a ordem complemento-núcleo são características do tronco Tupi em geral (Storto, 1999).

Os sintagmas nominais em Karitiana ocorrem nus como argumento, sem presença aparente de material funcional como artigos, quantificadores, classificadores ou marcação morfológica de número.¹ Por exemplo, o nome nu *gooj* ('canoa') na sentença (1) e o nome nu *ōwã* ('criança') na sentença (2) podem ser usados para se referir a entidades singulares, plurais, definidas ou indefinidas, como se pode perceber pelas várias traduções possíveis.²

- (1) Maria nakam'at gooj
 Maria naka-m-'a-t gooj
 Maria decl-caus-fazer-nfut barco
 'Maria fez o(s)/um(s)/algum(s) barco(s)'
- (2) Ōwā naokoot y'it
 ōwā na-okoot-ø y-'it
 criança decl-morder-nfut 1s-filho (homem falando)
 'A(s)/uma(s)/alguma(s) criança(s) mordeu/morderam meu(s) filho(s)'

Este trabalho tem como objetivos investigar a sintaxe e a semântica do sintagma nominal em Karitiana e avaliar as implicações do comportamento de seus nominais nus³ para uma teoria semântica sobre a expressão da noção de número e da distinção massivo-contável nas línguas naturais. Pretende também avaliar a possibilidade de argumentos ocorrerem nus, isto é, sem a presença de material funcional.

Neste trabalho, argumentamos que os nominais nus em Karitiana possuem denotações cumulativas. Contudo, também afirmamos que a língua Karitiana possui uma distinção lexical entre nomes massivos e contáveis. Defendemos também que argumentos nominais em Karitiana não possuem constituintes funcionais.

2. Sintagmas nominais em Karitiana

Nesta seção, apresentaremos os dados relevantes sobre o sintagma nominal em posição argumental em Karitiana. Veremos que, nessa língua, o sintagma nominal é, pelo menos superficialmente, desprovido de qualquer operador funcional, como flexão de número, marca de determinação ou de indeterminação, ou de operadores quantificacionais.

Na língua Karitiana, não há marcação morfossintática de número no sintagma nominal. Nas sentenças (3) e (5), os sintagmas *myhint pikom* ('um macaco') e *myhint 'ejepo* (uma pedra) são semanticamente singulares. Já nas sentenças (4) e (6) os sintagmas *sypomp pikom* ('dois macacos') e

myjymp ‘*ejepo* (‘três pedras’) são semanticamente plurais. Contudo, os sintagmas nominais de ambas as sentenças permanecem não flexionados para número em ambos os contextos. Uma sentença como (7) significa que o falante comeu um número indefinido de macacos (um ou mais), o que é expresso pelo nome nu sem flexão *pikom*. As sentenças de (3) a (6) mostram também que Karitiana não é uma língua que exige classificadores numerais em sintagmas de contagem, pois os numerais ocorrem ligados diretamente ao nome comum sem exigir a presença de classificadores.

- (3) Yn naka'yt myhint pikom
 yn naka-'y-t myhin-t pikom
 1s decl-comer-nfut um-obl macaco
 ‘Eu comi um macaco’
- (4) Yn naka'yt sypomp pikom
 yn naka-'y-t sypom-t pikom
 1s decl-comer-nfut dois-obl macaco
 ‘Eu comi dois macacos’
- (5) Myhint ‘ejepo naakat i'ot.
 myhin-t ‘ejepo na-aka-t i-'ot-Ø
 um-obl pedra decl-aux-nfut part-cair-nfut
 ‘Uma pedra caiu’
- (6) Myjymp ‘ejepo naakat i'orot
 myjym-t ‘ejepo na-aka-t i-'ot-ot-Ø
 três-obl pedra decl-aux-nfut part-cair-dupl-nfut
 ‘Três pedras caíram’
- (7) Yn naka'yt pikom
 yn naka-'y-t pikom
 1s decl-comer-nfut macaco
 ‘Eu comi o(s)/um(s)/algum(s) macaco(s)’

Em Karitiana, não há marca de definitude/indefinitude e/ou determinantes definidos/indefinidos. Nomes nus são entendidos como definidos ou indefinidos a partir do contexto. Na sentença (8), por exemplo, tanto *taso* ('homem') quanto *boroja* ('cobra') podem ser compreendidos como definidos ou indefinidos, singulares ou plurais dependendo do contexto em que as sentenças forem pronunciadas. A mesma sentença mostra que a denotação dos nomes comuns em Karitiana é indiferenciada para número, pois a sentença (8) significa que uma ou mais cobras foram comidas por um ou mais homens. Os nominais nus *j?onso* ('mulher') e *kinda haraj?ty* ('coisa boa') na sentença (9) também não possuem qualquer marca para (in)definitude ou número.

- (8) Taso naka'yt boroja
 taso naka-'y-t boroja
 homem decl-comer-nfut cobra
 'O(s)/um(s)/algum(s) homem(s) comeu/comeram a(s)/uma(s)/alguma(s)
 cobras'
- (9) J?onso sondyp kinda haraj?ty
 j?onso sondyp kinda haraj?-ty
 mulher sabe coisa bom-obl
 'Mulher sabe das coisas boas/Mulheres sabem das coisas boas'

Mesmo a função expressa por demonstrativos como *este*, *esse* e *aquele* em português é expressa de outra forma em Karitiana. Expressões do português como *aquele homem* ou *aquele(s) porcos(s)* são traduzidas por orações subordinadas que equivalem a *homem/porco que está lá* ou *porcos que estão se movendo*, como ilustrado pelas sentenças em (10)-(12). As evidências de que se trata de orações subordinadas, e não de sintagmas nominais simples, são: (i) o fato de o auxiliar *aka* ocorrer na última posição da sentença, sem flexão de concordância ou tempo, como em todas as subordinadas em Karitiana; (ii) o fato de estas construções demonstrativas especiais exigirem morfologia (por exemplo, *ka* em (12)) que codifica a posição do corpo do argumento relativizado, morfologia esta que acompanha todos os predicados progressivos na língua.

- (10) Dibm nakatari ony taso aka
 dibm naka-tat-i ony taso aka
 amanhã decl-ir-fut aquele homem estar
 ‘Aquele homem irá amanhã’ (lit: [‘Homem (que) estar lá] irá amanhã’)
- (11) Ony sojxaty aka kyn nakapon João
 ony sojxaty aka kyn naka-pon-Ø João
 aquele porco estar em decl-atirar-nfut João
 ‘João atirou no porco (lit: ‘João atirou em [porco (que) estar lá]’)
- (12) Ma sojxaty aka kyn nakapon João
 ma sojxaty aka kyn naka-pon-Ø João
 aquele porco estar em decl-atirar-nfut João
 ‘João atirou naqueles porcos’ (lit: ‘João atirou em [porcos (que) estar em movimento]’)

Em línguas como o português e o inglês, quantificadores como *todos*, *muito*, *ninguém*, bem como os numerais, determinam o sintagma nominal como ilustrado em (13)-(14) para o inglês e em (15)-(16) para o português. Essas expressões quantificadoras ocupam posições funcionais no sintagma de determinante. A correspondência voz ativa-voz passiva e a alternância entre as posições de sujeito e objeto ilustram o fato de que quantificador e nome comum formam um único constituinte nessas línguas.

- (13) John shot at [every boar].
 John atirou em cada javali
 ‘John atirou em cada javali’
- (14) [Every boar] was shot
 cada javali foi baleado
 ‘Cada javali foi baleado’
- (15) João devorou [todos os javalis].
- (16) [Todos os javalis] foram devorados.

A língua Karitiana não parece possuir quantificadores nominais como o português ou o inglês. Expressões quantificadoras alternam-se entre um comportamento adverbial e um comportamento nominal. O informante usa indiferentemente a mesma palavra *si'irimat* para significar ninguém ou *nunca*, como se pode ver nas sentenças (17) e (18). Nas sentenças (19) e (20), a palavra *kandat* ('muito') é usada tanto para expressar a quantificação sobre um nome ('muitos homens') em (19) como uma quantificação sobre um verbo ('trabalhar muito') em (20).

- (17) Isemboko padni si'irimat eremby.
 i-semboko padni si'irimat eremby.
 3-molhar neg sempre rede
 'As redes nunca molham'
- (18) Iaokooto padni si'irimat y'it
 i-a-okooto padni si'irimat y-'it
 3-pass-morder neg sempre 1s-filho
 'Ninguém modeu meu filho' (lit: 'Meu filho não foi mordido por ninguém')
- (19) Kandat nakahori dibm taso
 kandat naka-hot-i dibm taso
 muito decl-ir-fut amanhã homem
 'Muitos homens vão amanhã' (lit: 'Homens vão muitos amanhã')
- (20) Pyrykiidn ãonso pytim'adn kandat tyym
 pyry-kiit-n ãonso pytim'a-dn kandat tyym
 assert-existir-nfut mulher trabalhar-nfut muito sub
 'Há muitas mulheres que trabalham muito'

Os numerais poderiam tornar-se um contra-exemplo potencial para nossa afirmação de que o sintagma nominal em Karitiana é despido de operações funcionais, pois eles parecem ocorrer em posição funcional típica de quantificadores nominais, como vimos nas ocorrências (3)-(6), repetidas abaixo como (21)-(24). A língua Karitiana possui um sistema

numérico com unidades de 1 a 3 (ver Tabela 1), sendo o número 4 derivado da palavra *ota* ('outro') e 5, da palavra *mão*. Numerais maiores são compostos a partir desses numerais básicos, como ilustrado na Tabela 1. No entanto, esses numerais, quando acompanhando um nome, sempre ocorrem com o sufixo oblíquo -t. Sypomp pikom ('dois macacos') em (22), por exemplo, deve ser entendido aproximadamente como 'macacos em dois'. E myjymp 'ejepo ('três pedras') em (24) deve ser entendido como 'pedras em três'.

- | | | | | |
|------|----------|------------------------|---------------|-----------------------|
| (21) | Yn | naka'yt | myhint | pikom |
| | yn | naka-'y-t | myhin-t | pikom |
| | 1s | decl-comer-nfut | um-obl | macaco |
| | | 'Eu comi um macaco' | | |
| | | | | |
| (22) | Yn | naka'yt | sypomp | pikom |
| | yn | naka-'y-t | sypom-t | pikom |
| | 1s | decl-comer-nfut | dois-obl | macaco |
| | | 'Eu comi dois macacos' | | |
| | | | | |
| (23) | Myhint | 'ejepo | naakat | i'ot |
| | myhin-t | 'ejepo | na-aka-t | i-'ot-Ø |
| | um-obl | pedra | decl-aux-nfut | part-cair-nfut |
| | | 'Uma pedra caiu' | | |
| | | | | |
| (24) | Myjymp | 'ejepo | naakat | i'orot. |
| | myjym-t | 'ejepo | na-aka-t | i-'ot-ot-Ø |
| | três-obl | pedra | decl-aux-nfut | part-cair-redupl-nfut |
| | | 'Três pedras cairam' | | |

Tabela 1
Numerais em Karitiana

Numerais	Decomposição morfológica	palavra/ expressão
1	myhin+t um-obl	myhint
2	sypom+t dois-obl	sypomp
3	mÿjym+t três-obl	mÿjymp
4	ota+dnamyn+t outro-?-obl	otadnamynt
5	yj+py+t 1in-mão-obl	yjpyt
6	myhin+t yj+py ota+o+t um-obl 1in-mão outro-?-obl	myhint yjpy otaot
7	sypom+t yj+py ota+o+t dois-obl 1in-mão outro-?-obl	sypomp yjpy otaot
20	sypom+p yj+ki+pi+py+k+t dois-obl 1in-aux-pé-mão-?-obl	sypomp ykipipyk

Mesmo quando não são usados acompanhando um nome, os numerais acompanham o sufixo oblíquo *-t*, como exemplificado na terceira coluna da Tabela 1. O único ambiente identificado até o momento em que numerais podem ocorrer sem o sufixo oblíquo é em resposta a um pedido de repetição do tipo *o que?(não ouvi bem)*. A resposta teria a forma *myhino*, *sypomo*, *mÿjymo*, com o sufixo enfático *-o*, que sempre acompanha nomes neste contexto pragmático. Estes fatos sugerem que os numerais em Karitiana não são sintagmas posposicionais, ou seja, sintagmas cujo núcleo é uma posposição.

Já a quantificação universal não é expressa por um quantificador. A expressão que traduz a quantificação universal – *(ta)akatyym* – é composta

por uma anáfora de terceira pessoa (o prefixo *ta-*), o verbo *ser/estar* (*aka*) e a partícula subordinadora *tyym*. Literalmente essa expressão significa algo como *os que são/estão*. O anafórico *ta-* parece ser usado quando a expressão quantificadora não está adjacente ao nome que modifica. Em (25)-(26), vemos que *taakatyym* ocupa a mesma posição e pode aplicar-se tanto ao objeto (25), como ao sujeito (24). A sentença (27), por outro lado, mostra que a expressão quantificadora pode ocupar outra posição na sentença, no caso, adjacente ao sintagma que determina o domínio sobre o qual se dá a quantificação (a restrição). Nesse caso, não necessita do prefixo anafórico *ta-*.

- (25) Taakatyym naponpon João sojxaaty kyn
 ta-aka-tyym na-pon-pon-Ø João sojxaaty kyn
 todos (3anaf-ser-sub) decl-atirar-dupl-nfut João porco em
 ‘João atirou em todos os porcos’ (lit: ‘João atirou nos porcos que estão’)
- (26) Taakatyym naponpon taso sojxaaty kyn
 ta-aka-tyym na-pon-pon-Ø taso sojxaaty kyn
 todos (3anaf-ser-sub) decl-atirar-dupl-nfut homem porco em
 ‘Todos os homens atiraram no porco’ (lit: ‘Os homens que estão atiraram no porco’)
- (27) Sojxaaty akatyym naponpon João
 sojxaaty aka-tyym na-pon-pon-Ø João
 porco todos (ser-sub) decl-atirar-dupl-nfut João
 ‘João atirou em todos os porcos’ (lit: ‘João atirou nos macacos que estão’)

Vimos então que o sintagma nominal em Karitiana ocorre totalmente despido de constituintes funcionais, como flexão de número, determinantes ou quantificadores. Esses sintagmas nominais são interpretados como neutros em relação ao número, podendo referir-se a entidades singulares ou plurais. São também neutros em relação à definitude. Na próxima seção, discutiremos a denotação dos nomes comuns nas línguas naturais. Veremos que nem todas as línguas expressam a distinção singular-plural e a distinção massivo-contável do mesmo modo.

3. Criando indivíduos: Número e a distinção massivo-contável

Nesta seção, veremos como a semântica formal relaciona os diferentes padrões de comportamento sintático e morfológico dos nomes comuns a suas denotações, ou seja, ao tipo de entidades a que esses nomes podem se referir. Tradicionalmente, nomes comuns são subdivididos em contáveis e massivos. Intuitivamente, a diferença está em que nomes contáveis se referem a entidades conceitualizadas como discretas, e nomes massivos se referem a entidades conceitualizadas como contínuas. Quine (1960) apresenta claramente essa intuição:

To learn “apple” it is not sufficient to learn how much of what goes on counts as apple; we must learn how much counts as an apple, and how much as another. Such terms possess built-in modes, however arbitrary, of dividing their reference (...) Water is scattered in discrete pools and glassfuls (...) still it is just “pool”, “glassful”, (...) not “water” (...) that divide their reference.

[Para aprender ‘maçã’ não é suficiente aprender que quantidade do que ocorre conta como maçã; nós precisamos aprender que quantidade conta como uma maçã, que quantidade conta como outra. Tais termos possuem modos internos, mesmo que arbitrários, de dividir sua referência (...) Água está espalhada em poças e copos (...) ainda assim é apenas ‘poça’, ‘copo’, (...) não ‘água’ (...) que divide sua referência (Quine, 1960, p. 91; tradução nossa).]

Essa divisão se manifesta gramaticalmente em várias línguas. Vamos ilustrá-la para o inglês, que é a língua mais exaustivamente discutida pela literatura sobre o assunto.⁴ No inglês, nomes contáveis possuem uma forma plural e uma forma singular, como ilustrado pelas sentenças em (28). Uma outra característica dos nomes contáveis é a de poderem ser diretamente combinados com numerais. Essa propriedade também é ilustrada pelas sentenças em (28).

(28a) There is one apple on the table
 lá está uma maçã sobre a mesa
 ‘Tem uma maçã na mesa’

(28b) There are two apples on the table
 lá estão duas maçãs sobre a mesa
 ‘Tem duas maçãs sobre a mesa’

Já nomes massivos não podem ser diretamente contados, como ilustram as sentenças em (29). Esses nomes necessitam de classificadores ou de sintagmas de medida para serem apropriadamente contados, como se pode ver pelo contraste entre a agramaticalidade de (29a-b) e a gramaticalidade de (30a) com a inserção de expressão de medida *bars* (‘barras’). Nomes massivos também não aceitam a marcação de plural, como se pode ver em (30b).

(29a) *There is one gold on the table
 lá está um ouro sobre a mesa
 ‘Tem um ouro na mesa’

(29b) *There are two golds on the table
 lá estão dois ouros sobre a mesa
 ‘Tem dois ouros na mesa’

(30a) There are two bars of gold on the table
 lá estão duas barras de ouro sobre a mesa
 ‘Tem duas barras de ouro na mesa’

(30b) *There are two bars of golds on the table
 lá estão duas barras de ouros sobre a mesa
 ‘Tem duas barras de ouro na mesa’

Certos quantificadores combinam-se apenas com nomes contáveis, outros apenas com nomes massivos. A expressão quantificadora *little* (‘pouco’), por exemplo, combina-se apenas com nomes massivos. Essa propriedade está exemplificada nas sentenças (31). Em (31a) o uso de

little ('pouco') com o nome contável *apple* ('maçã'), torna a sentença agramatical. Em (31b) o mesmo quantificador é usado com o nome massivo *gold* ('ouro'), e a sentença torna-se gramatical. A expressão *several* ('vários'), por outro lado, só é possível com nomes contáveis. Nomes contáveis podem ser ordenados (ver sentença (32a)), ao passo que nomes massivos não são ordenáveis (ver sentença (32b)).

(31a) *I Bought little apple.
 eu comprei pouca maçã
 'Eu comprei pouca maçã'

(31b) I bought little gold.
 eu comprei pouco ouro
 'Eu comprei pouco ouro'

(32a) My Second apple was fantastic.
 minha segunda maçã estava fantástica
 'Minha segunda maçã estava fantástica'

(32b) My Second gold was fantastic.
 meu segundo ouro foi fantástico
 'Meu segundo ouro foi fantástico'

Link (1983) propõe que as denotações dos nomes massivos e dos nomes contáveis pertencem a domínios ontológicos diferentes. Segundo ele, a linguagem descreve o mundo como contendo dois tipos de entidades distintas: (i) entidades discretas ou atômicas; e (ii) matéria indiferenciada ou substância. Essa distinção pode ser ilustrada da seguinte forma: se você parte uma maçã ao meio, cada uma das partes não é mais uma maçã; mas, se você separa uma quantidade de ouro em duas quantidades de ouro, cada uma delas ainda é uma quantidade de ouro. Da mesma forma, se você junta uma maçã a outra maçã, o que você obtém são duas maçãs. Mas se você adiciona uma quantidade de ouro a outra quantidade de ouro, as duas juntas ainda formam uma quantidade de ouro. A essa propriedade das denotações dos nomes massivos chamamos de cumulatividade.

Uma vez assumida essa ontologia, a flexão de número é interpretada como uma operação sobre o domínio das entidades discretas, pois apenas nesse domínio a distinção entre entidades atômicas (unidades) e entidades plurais (grupos formados por duas ou mais unidades) faz sentido. Explica-se, assim, porque apenas nomes contáveis podem ser pluralizados. Nomes comuns contáveis são analisados como denotando conjuntos de indivíduos atômicos.⁵ A denotação de um nome comum singular como *porco* é o conjunto de todos os porcos, o que está ilustrado em (33). Nomes comuns plurais, por outro lado, são descritos como denotando tanto indivíduos atômicos quanto indivíduos plurais, ou seja, conjuntos de mais de um indivíduo, como ilustrado em (34) para o nome contável plural *porcos*.

(33) {porco_a, porco_b, porco_c, ...}

(34) [[**porcos**]] = { porco_a, porco_b, porco_c, ..., {porco_a, porco_b}, {porco_b, porco_c}, {porco_a, porco_c}, ..., { porco_a, porco_b, porco_c}, ...}

O tratamento semântico dos nomes comuns descrito acima pode ser chamado de clássico e é a posição tradicionalmente apresentada pelos manuais de introdução à semântica formal.⁶ Ele se estabeleceu com base no comportamento da maior parte das línguas românicas e germânicas. Nessas línguas, nomes singulares não podem ocorrer em contextos semanticamente plurais. Nomes plurais, por outro lado, podem ocorrer tanto em contextos plurais como em contextos neutros. Em inglês, por exemplo, nomes contáveis singulares podem ocorrer apenas em contextos singulares. O contraste de gramaticalidade entre (35) e (36) ilustra esse fato. A explicação corrente é que a sentença (36) é agramatical porque o significado do nome comum singular *boar* ('javali') entra em choque com o significado plural do numeral *two* ('dois'). Nomes contáveis plurais, por outro lado, podem ocorrer tanto em contextos plurais quanto em contextos neutros em relação ao número de entidades denotadas. A sentença (37) mostra que um nome contável singular em inglês não pode

expressar neutralidade em relação a número, enquanto um nome contável plural como o da sentença (38) está apto a fazer isso. Note-se que a sentença (38) será verdadeira se João comprou apenas uma ou duas ou mais maçãs.

(35) John killed one boar.
John matou um javali
'John matou um javali'

(36) *John killed two boar.
John matou dois javali
'John matou um javali'

(37) *John bought apple.
John comprou maçã.
'John comprou maçã'

(38) John bought apples.
John comprou maçãs
'John comprou maçãs'

Existem, entretanto, línguas como o chinês, o japonês e o tailandês que não possuem flexão de número (ou esta é opcional) e, ao mesmo tempo, possuem classificadores cuja presença é obrigatória em contextos de contagem. Em chinês, por exemplo, a presença de um classificador é exigida tanto para a contagem de um nome aparentemente contável, como *bi* ('caneta'), quanto para a contagem de um nome aparentemente massivo, como *mi* ('arroz'), cujas unidades de contagem não são claras. Observe o contraste de gramaticalidade causado pela presença de classificadores nas expressões em (39a) e (40a) e pela sua ausência nas expressões em (39b) e (40b). O mesmo ocorre com o exemplo do tailandês (41a e 41b).

- (39a) liang li mi *Chinês* (Chierchia, 1998b)
 dois CL arroz
 ‘dois grãos de arroz’
- (39b) *liang mi
 dois arroz
 ‘dois arroz’
- (40a) san li bi (36) *Chinês* (Cheng e Sybesma, 1999)
 três CL caneta
 ‘Três canetas’
- (40b) *san bi
 três caneta
 ‘Três caneta’
- (41a) Rom saam khan *Tailandês*
 guarda-chuva três CL:objeto.de cabo.longo (Hundius e
 Kolver, 1983)
 ‘três guarda-chuvas’
- (41b) *rom saam
 guarda-chuva três
 ‘três guarda-chuva’

Línguas de classificadores têm sido analisadas pela literatura como línguas nas quais os nomes comuns são todos massivos (ver Chierchia, 1998a, 1998b; e Krifka, 1995; entre outros). Nessas línguas não haveria uma distinção entre nomes massivos e nomes contáveis. Nelas, a função dos classificadores seria a de transformar a denotação massiva dos nomes comuns em uma denotação composta por entidades atômicas e, conseqüentemente, tornar esses nomes passíveis de contagem.

Se este tratamento dos fatos fosse apropriado, em línguas de classificadores esperar-se-ia que esses fossem obrigatórios (ou pelo menos opcionais) em todos os contextos de contagem, uma vez que sua suposta

função é a de criar indivíduos. No entanto, em contextos de quantificação universal, o seu uso torna a expressão agramatical (Gil e Tsoulas, 2005). Note que, nos exemplos do Japonês, as expressões quantificadas sem classificadores em (41a) e (42a) são gramaticais, ao passo que as expressões quantificadas com classificadores são agramaticais.

(42a) dono hon mo⁷ Japonês (Gil e Tsoulas, 2005)
 qual livro Q
 ‘todo livro’

(42b) *dono hon-satsu mo Japonês (Gil e Tsoulas, 2005)
 qual livro-CL Q
 ‘todo livro’

(43a) etten chayk ko Coreano (Gil & Tsoulas 2005)
 qual livro Q
 ‘todo livro’

(43b) *etten chayk-kwenn ko
 qual livro-CL Q
 ‘todo livro’

E quando se examina uma maior variedade de línguas, a aparente dicotomia entre classificadores e flexão de número não se sustenta. Existem línguas como o Yágua – língua da família Peba-Yágua, falada no Noroeste do Peru – e o Totonac – língua da família Totonac-Tepehua, falada em Sierra Norte, México – que possuem tanto classificadores como flexão de número. Os exemplos (44)-(46) mostram a existência de flexão de número em Yágua. Já o exemplo (47) ilustra o uso de classificadores em contextos de contagem.

(44) wadero-nu Yagua (Payne, 2004)
 moço-SG
 ‘moço’

- (45) wadero-nuuy *Yagua* (Payne, 2004)
 moço-DL
 ‘moços (dois)’
- (46) wadero-way *Yagua* (Payne, 2004)
 moço-PL
 ‘moços’
- (47) ta-ra-kii cucháára *Yagua* (Payne, 2004)
 um-CL-um colher
 ‘uma colher’

Como vimos para o Karitiana, existem também línguas que não possuem nem classificadores nem flexão de número. Esse é o caso de Dëne Suliné, uma língua nativa do Canadá da família Athabaskan (cf. Wilhelm, 2005). Os exemplos (49) e (50) ilustram a ausência tanto de quantificadores como de classificadores em contextos de contagem em Dëne Suliné.

- (48) solághe bek'eshích'elyi *Dëne Suliné* (Wilhelm, 2005)
 cinco Mesa
 ‘cinco mesas’
- (49) solághe tthe *Dëne Suliné* (Wilhelm, 2005)
 cinco Pedra
 ‘cinco pedras’

Existem também línguas em que a flexão de número é opcional. Línguas como húngaro e turco não fazem uso de classificadores ou de flexão de número para contagem e, no entanto, possuem flexão de singular-plural. Sentenças como (50) e (52) mostram a existência de marcação de pluralidade nessas línguas. As ocorrências em (51) e (53) mostram que nomes podem ser contados sem o uso de flexão.

- (50) Mari verseket olvas *Húngaro* (Rullmann, 2003)
 Maria poema.PL.ACC lê
 ‘Maria lê poemas’
- (51) ot hajo *Húngaro* (Rullmann, 2003)
 cinco navio
 ‘cinco navios’
- (52) Kitap-lar al-di-m. *Turco* (Rullmann, 2003)
 livro-PL comprar-PASSADO-1SG
 ‘Eu comprei livros’
- (53) Kirk harami *Turco* (Rullmann, 2003)
 quarenta ladrão
 ‘quarenta ladrões’

Por outro lado, vários trabalhos têm argumentado a favor da existência da distinção massivo-contável tanto em línguas de classificadores (sobre o chinês, ver Cheng e Sybesma, 1999; e Doetjes, 1979) quanto em línguas que não possuem nem classificadores nem flexão de número (sobre Dëne Suliné, ver Wilhelm, 2005). Esses trabalhos colocam em questão a existência de uma correlação necessária entre a presença de classificadores e a presença de uma denotação massiva. Em Dëne Suliné, por exemplo, a distinção contável-massivo se manifesta pelo fato de que nomes contáveis podem ocorrer diretamente com numerais (ver (54)), ao passo que nomes massivos são agramaticais na ausência de algum tipo de classificação ou sintagma de medida (ver (55)).

- (54) solághe tthe *Dëne Suliné* (Wilhelm, 2005)
 cinco pedra
 ‘cinco pedras’
- (55) *solághe sugaq *Dëne Suliné* (Wilhelm, 2005)
 cinco açúcar
 ‘cinco açúcar’

Vimos, então, que não existe uma correlação obrigatória entre flexão de número e presença de classificadores. Vimos também que não existe uma correlação entre ausência de flexão de número e denotação nominal massiva. Na próxima seção trataremos da expressão do número e da distinção massivo-contável em Karitiana.

4. Nominais nus, número e a distinção massivo-contável em Karitiana

Vimos na seção 2 que a marcação da distinção singular-plural é totalmente ausente dos sintagmas nominais da língua Karitiana. Mostramos também que esses sintagmas nominais são semanticamente neutros em relação ao número de entidades sob sua denotação. A sentença (1), repetida abaixo como (56), significa que Maria construiu um ou mais barcos. Sendo assim, não podemos atribuir uma denotação composta simplesmente por indivíduos atômicos aos nomes comuns em Karitiana, embora seja essa a denotação tradicionalmente postulada para os nomes comuns contáveis. O comportamento do Karitiana nos leva a concluir que seus nomes comuns possuem denotações que são neutras em relação ao número das entidades sob sua denotação.⁸ Concluímos que a denotação de um nome comum em Karitiana engloba tanto indivíduos singulares como indivíduos plurais. Ilustramos em (57) a denotação do nome comum *gooj* ('canoa'). Essa denotação contém tanto barcos individuais (átomos) como grupos de dois, três ou mais barcos.

- (56) Maria nakam'at gooj
 Maria naka-m-'a-t gooj
 Maria decl-caus-fazer-nfut barco
 'Maria fez o(s)/um(s)/algum(s) barco(s)'

- (57) [[**gooj**]] = {barco_a, barco_b, barco_c, ..., {barco_a, barco_b}, {barco_b, barco_c},
 barco_a, barco_c}, ..., {barco_a, barco_b, barco_c}, ...}

A ausência de número permeia todo o sistema nominal da língua Karitiana. Mesmo os pronomes pessoais não fazem diferença entre singular e plural. O paradigma dos pronomes pessoais é apresentado na Tabela 2. A terceira pessoa é claramente invariante. Já os pronomes que corresponderiam às nossas primeira e segunda pessoas do plural incorporam a forma anafórica de terceira pessoa *ta-* ou o pronome de terceira pessoa *i* em sua composição, como explicitado pela segunda coluna da Tabela 2. Em (59), ilustramos o funcionamento anafórico de *ta-* e também o fato de que o pronome de terceira pessoa é indefinido em relação ao número.

Tabela 2
Os pronomes pessoais em Karitiana

Pronomes	morfologia	peçoas	significado
yn	y+n	1s	eu + participante
na	a+n	2s	você + participante
i	i	3	outro (não participante)
yjxa	y+i+ta	1pl (inclusivo)	eu+outro(s)+anafórico
yta	y+ta	1pl (exclusivo)	eu+anafórico
ajxa	a+i+ta	2pl	você+outro(s)+anafórico
i	i	3	outro

- (58) Ta'it okoot nakaj?at i
 ta-'it okoot naka-j?a-t i
 3anaf-filho morder decl-caus-nfut ele
 'Ele fez seu(s) filho(s) morder' ou 'Eles fizeram seu(s) filho(s) morder'

Note-se que em nenhum dos pronomes “plurais” existe uma marcação de pluralidade, algum morfema que signifique ‘mais de um’. A interpretação de que temos mais de uma pessoa é efetivada pela listagem dos participantes. A primeira pessoa do plural inclusivo *yta-*, por exemplo, significa algo como ‘eu + outro(s) como eu’.

A flexão verbal também não incorpora nenhuma informação sobre o número de seus argumentos. Karitiana é uma língua de concordância ergativo-absolutiva: verbos intransitivos concordam com seu sujeito e verbos transitivos concordam com seu objeto (os argumentos absolutivos). Na Tabela 3, temos um verbo intransitivo que concorda com seu sujeito. Na Tabela 4, temos um verbo transitivo que concorda com seu objeto. Note que, em ambos os casos, as flexões verbais são idênticas aos pronomes pessoais e, portanto, não são flexionados para número. Karitiana tem concordância zero para a terceira pessoa no modo declarativo (marcado com os alomorfes na(-ka) e ta(ka)).

Tabela 3
Conjugação de verbo intransitivo em Karitiana

ytaopisot	yn	'1s ouvi'
ataopisot	an	'2s ouviu'
Ø-naopisot	i	'3 ouviu'
yjtaopisot	yjxa	'1p-incl ouvimos'
ytaopisot	yta	'1p-excl ouvimos'
ajtaopisot	ajxa	'2pl ouviu'
Ø-naopisot	I	'3 ouviram'

Tabela 4
Conjugação de verbo transitivo em Karitiana

owã	ytaokoot	yn	'child bit 1s'
owã	ataokoot	an	'child bit 2s'
owã	Ø-naokoot	i	'child bit 3'
owã	ytaokoot	yta	'child bit 1pl (excl)'
owã	yjtaokoot	yjxa	'child bit 1pl (incl)'
owã	ajtaokoot	ajxa	'child bit 2pl'
owã	Ø-naokoot	i	'child bit 3'

Como já mencionamos na seção 3, nomes comuns que são invariantes em relação à distinção de número são comumente assimilados a nomes massivos (ver Chierchia, 1998a, 1998b; Krifka, 1995; e Borer, 2005;

entre outros). No entanto, a língua Karitiana faz uma distinção entre nomes massivos e nomes contáveis: alguns nomes podem ser diretamente contados, como ilustrado pelas sentença (6), repetidas abaixo como (59); enquanto outros necessitam de sintagmas de medida para serem contabilizados. O contraste de gramaticalidade entre (60) e (61) e entre (62) e (63) mostra que certos nomes só podem ser contados após a inserção de um sintagma de medida.

- (59) Myỹymp 'ejepo naakat i'orot.
 myỹym-t 'ejepo na-aka-t i-'ot-ot-Ø
 três-obl pedra decl-aux-nfut part-cair-dupl-nfut
 'Três pedras caíram'
- (60) *Myỹymp ouro naakat i'orot.
 myỹym-t ouro na-aka-t i-'ot-ot-Ø
 três-obl ouro decl-aux-nfut part-cair-dupl-nfut
 'Três ouros caíram'
- (61) Myhint kilot ouro naakat i'orot.
 myhin-t quilo-t ouro na-aka-t i-'ot-ot-Ø
 um-obl kilo-obl ouro decl-aux-nfut part-cair-dupl-nfut
 'Um quilo de ouro caiu'
- (62) *jonso nakaot sympomp ese.
 j̃onso naka-ot-Ø sympom-t ese
 mulher decl-trazer-nfut dois-obl água
 'A mulher trouxe duas água'
- (63) j̃onso nakaot sympomp bytypip ese.
 j̃onso naka-ot-Ø Sympom-t byt<y>-pip ese
 mulher decl-trazer-nfut dois-obl cuia-em água
 'A mulher trouxe duas cuias de água'

Vemos então que, se por um lado os nomes em Karitiana são neutros em relação à marcação de número, por outro, eles não são todos massivos. Existe uma propriedade usualmente atribuída aos nomes massivos que é

também partilhada pelos nomes contáveis que possuem uma denotação neutra para número: a cumulatividade. Um constituinte P possui referência cumulativa se a soma de duas intâncias de P é também P (cf. Krifka, 1992). Assim, se dissermos em português padrão *isto é ouro* e *aquilo é ouro*, a soma das duas quantidades também será chamada *ouro*. O mesmo padrão não se mantém para nomes contáveis. Se *isto é uma cadeira* e *aquilo é uma cadeira*, os dois objetos juntos serão *cadeiras* e não *cadeira*.

Em Karitiana, a denotação dos nomes nus, sejam eles massivos ou contáveis é cumulativa, de modo que, se um animal *pikom* ('macaco') é somado a outro animal *pikom*, dizemos que os dois animais são *pikom*. E se isto é *ese* ('água') e aquilo é *ese* ('água'), as duas quantidades também são *ese*. Vemos assim que a cumulatividade não é uma propriedade exclusiva dos nomes massivos. A denotação de um nome pode ser cumulativa, sem ser necessariamente massiva.

A separação entre denotações contáveis, porém neutras em relação à expressão de número, e denotações massivas, também neutras em relação à expressão de número, possibilita-nos compreender a existência de línguas como o chinês, coreano, indonésio, húngaro, e turco, nas quais a marcação de plural é opcional (cf. Chung, 2000; Kang, 1994; Ortmann, 2000; Rullmann e You, 2003). Essa opcionalidade é possível porque as denotações dos nomes nessas línguas são neutras e incluem tanto singularidades como pluralidades. Assim, o plural só é usado em contextos em que se faz necessário explicitar que a denotação de uma expressão nominal é estritamente plural.

Borer (2005) propõe que a distinção contável-massivo é sintática. Para ela, nomes comuns não são marcados como massivos ou contáveis no léxico. Eles possuem uma interpretação massiva *default* na ausência de mecanismos funcionais de individuação, tais como flexão de número, determinantes ou classificadores. Porém, vimos que em Karitiana os nomes contáveis possuem a mesma sintaxe dos nomes massivos. Eles ocorrem nus, como os nomes massivos, e a língua não possui flexão de

número, determinantes ou classificadores para atomizar sua denotação. Assim, concluímos, *contra* Borer, que o significado contável desses nomes é lexical.

5. Conclusões

Primeiro, mostramos que os nomes comuns em Karitiana são neutros em relação a número, isto é, suas denotações incluem tanto singularidades como pluralidades. Baseados nesse tipo de evidência, concluímos que, ao contrário do que se tem tradicionalmente afirmado, denotações de nomes comuns não flexionados não são necessariamente atômicas.

Segundo, mostramos que os nomes em Karitiana são diretamente contáveis sem a necessidade de flexão de número ou classificadores (exceto para nomes massivos). Dessa forma, podemos concluir que, quando um nome é neutro em relação a número, ele não está impossibilitado de possuir contabilidade ou de ser individualizado, ao contrário do que se tem tradicionalmente afirmado na literatura.

Mostramos também que os nomes em Karitiana fazem uma distinção lexical entre massivos e contáveis. Nomes neutros em relação a número têm sido apontados como nomes massivos na literatura. O fato de a língua Karitiana possuir tantos nomes neutros em relação a número que podem ser contáveis ou massivos permite-nos concluir que ser neutro em relação a número não é necessariamente equivalente a ser massivo.

Quarto, visto que nomes contáveis neutros em relação a número são diferentes de nomes massivos, concluímos que uma ontologia para as línguas naturais requer um domínio separado para denotações contáveis e massivas.

Finalmente, a ausência superficial de projeções funcionais em Karitiana nos leva a questionar propostas, como a de Longobardi (1994, 2000), em que se defende que argumentos são necessariamente sintagmas de determinante.

Notas

- * Ana Müller é professora de Semântica no Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo, co-organizadora do livro *Semântica Formal* editado pela Contexto em 2003, e autora de diversos artigos sobre a sintaxe e semântica dos pronomes possessivos, anáfora e correferência em Português, e sobre a genericidade, nominais nús e expressão de número nas línguas naturais.
- ** Luciana Storto é professora de Lingüística Descritiva no Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo e autora de diversos artigos sobre aspectos da fonética, fonologia, morfossintaxe e semântica da língua indígena Karitiana. Trabalhou em projetos comparativos de línguas Tupi, especializando-se nos temas movimento verbal, caso, concordância e estrutura argumental.
- *** Thiago Coutinho-Silva é estudante de mestrado do Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo.
- 1 Usaremos a expressão *sintagma nominal* para nos referirmos ao constituinte cujo núcleo é o substantivo comum.
 - 2 Forma de apresentação dos enunciados: 1ª linha- transcrição ortográfica; 2ª linha- segmentação morfológica. Símbolos usados: nf = não futuro; aux = auxiliar; part = particípio; redupl = reduplicação; decl = declarativo; caus = causativo; s = singular; pl = plural; 3anaf = anáfora de 3ª pessoa; nomlzl = nominalizador; sub = subordinador, assert = assertivo.
 - 3 Vamos usar os termos *nomes nus* ou *nominais nus* para nos referirmos a expressões nominais despidas de operadores funcionais, como determinantes, flexão de número, classificadores ou quantificadores.
 - 4 Como o português coloquial aceita expressões como ‘três banana’ e ‘duas água’, optamos por não utilizar o português para ilustrar a distinção gramatical entre nomes massivos e contáveis (sobre a questão, ver Paraguassu, 2005).
 - 5 Na verdade, nomes comuns são considerados funções de mundos possíveis a conjuntos de indivíduos. Neste artigo, focaremos estritamente uma descrição extensional das denotações. Não faremos uso de denotações intensionais, isto é, não trabalharemos com funções que tomam mundos possíveis como argumentos (sobre a diferença entre extensão e intensão e sobre a denotação dos sintagmas nominais, ver Chierchia, 2003; ou Oliveira, 2000; entre outros).
 - 6 Ver, por exemplo, Chierchia, 2003; De Swart, 1998; e Portner, 2005.

- 7 Q: marcador de pergunta.
- 8 A existência de denotações neutras em relação ao número tem sido postulada para outras línguas (ver Rullmann e You, 2003, para o chinês; Müller, 2001, para o português brasileiro; e Wilhelm, 2005, para o Dëne Suliné).

Referências

- BORER, H. *Structuring sense*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- CHENG, L. L.; SYBESMA, R. Bare and not-so-bare nouns and the structure of NP. *Linguistic Inquiry*, n. 30, v. 4, p. 509-542, 1999.
- CHIERCHIA, G. Plurality of mass nouns and the notion of “semantic parameter”. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.). *Events and grammar*: 53-103. Dordrecht: Kluwer, 1998a.
- _____. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics* n. 6, p. 339-405, 1998b.
- _____. *Semântica*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Londrina: EDUEL, 2003.
- CHUNG, S. On reference to kinds in Indonesian. *Natural Language Semantics*, n. 8, p. 157-171, 2000.
- GIL, K.-H.; TSOULAS, G. Quantification, the nominal mapping parameter, and DP structure in Korean and Japanese. Talk presented at the *QP Structure, Nominalizations, and the Role of DP Conference*, 2005.
- DE SWART, Henriëtte. *Introduction to natural language semantics*. Stanford: CSLI, 1998.
- DOETJES, J. *Quantifiers and selection. On the distribution of quantifying expressions in French, Dutch and English*. Ph.D Dissertation, Leiden University, 1979.
- HUNDIUS, H.; KÖLVER, U. Syntax and semantics of numeral classifiers. *Thai. Studies in Language*, n. 7, p. 165-214, 1983.

- KANG, B-M. Plurality and other aspects of common nouns in Korean. *Journal of East Asian Linguistics*, n. 3, p. 1-24, 1994.
- KRIFKA, M. Common nouns: a contrastive analysis of Chinese and English. In: CARLSON, G.; PELLETIER, J. (Ed.). *The generic book*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- LASERSON, P. *Plurality, Conjunction, and Events*. Dordrecht; Boston: Kluwer Academic Publishers, 1995.
- LINK, G. The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice theoretical approach. In: BÄUERLE, R.; SCHWARZE, C.; STECHOW, A. von (Ed.). *Meaning, use and interpretation of language*. Berlin: de Gruyter, 1983. p. 303-323.
- LONGOBARDI, G. Reference to kinds and proper names: a theory of N movement in syntax and logical form. *Linguistic Inquiry*, n. 25, v. 4, p. 609-665, 1994.
- _____. How comparative is Semantics? A unified parametric theory of bare nouns and proper names. *Natural Language Semantics*, n. 9, p. 335-369, 2001.
- QUINE, W. *Word and object*. Cambridge, MA: MIT Press, 1960.
- MÜLLER, A. Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. In: WEERLE, Adam; KIM, Ji-Young (Ed.). *The semantics of under-represented languages in the Americas, UMOP*. Amherst, MA: GLSA, The University of Massachusetts, 2001. p. 72-80.
- OLIVEIRA, Roberta Pires. *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas: Mercado das Letras, 2000.
- ORTMANN, A. Where plural refuses to agree: feature unification and morphological economy. *Acta Linguistica Hungarica*, n. 47, p. 249-288, 2000.
- PARAGUASSU, N. *A distinção contável-massivo no sistema nominal*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, USP, 2005.

- PAYNE, Doris. *The source and function of yagua classifiers*. 2004. Ms.
- PORTNER, Paul H. *What is meaning?* Fundamentals of formal semantics. Malden; Oxford; Victoria: Blackwell, 2005.
- RULLMANN, Hotze; YOU, A. *General number and the semantics and pragmatics of indefinite bare nouns in Mandarin Chinese*. 2003. Ms.
- SANCHEZ-MENDES, L. Variação semântica: pluracionalidade e quantificação. Trabalho apresentado no *Simpósio de Iniciação Científica da USP – SICUSP*, USP, São Paulo, 2005.
- STORTO, L. *Aspects of a Karitiana grammar*. Ph.D Dissertation, Massachusetts Institute of Technology, 1999.
- _____. Interactions between verb movement and agreement in Karitiana. *Revista Letras*, n. 60, p. 411-433, 2003.
- WILHELM, A. Bare Nouns in Dëne Suliné. Talk presented at *SULA-3*, Buffalo, USA, 2005.